

IDENTIDADE, ALTERIDADE E CULTURA: REFLEXÕES FILOSÓFICAS NO CURSO BÍBLICO DO PROJETO ESPIRITUALIDADE E FRONTEIRAS

1 Graduando do quinto semestre do curso de bacharelado em Filosofia da UCPel.

2 Graduando do quinto semestre do curso de bacharelado em Filosofia da UCPel.

3 Graduando do quinto semestre do curso de bacharelado em Filosofia da UCPel.

4 Graduando do quinto semestre do curso de bacharelado em Filosofia da UCPel.

5 Doutor em teologia bíblica, professor nos cursos de filosofia e teologia da UCPel e responsável pelo curso bíblico de extensão vinculado ao projeto Espiritualidade e Fronteiras.

Carlos Miguel Lopes dos Santos¹
Edmar de Azevedo²
Lucas Alves da Silva Crochi³
Magaiver Rodrigues dos Santos⁴
Eduardo dos Santos de Oliveira⁵

Resumo: O presente trabalho relata as intervenções feitas pelos alunos do quinto semestre do curso de filosofia, a partir de uma Unidade Curricular de Extensão que trabalha com os eixos de

identidade, alteridade e cultura. As intervenções foram realizadas no curso bíblico, o qual é uma atividade de extensão do projeto Espiritualidade e Fronteiras, no Cassino (Rio Grande).

Palavras-chave: Identidade. Alteridade. Cultura. Extensão.

Introdução

A disciplina de *Unidade Curricular de Extensão* (UCEX), que tem por objetivo trabalhar os âmbitos da identidade, alteridade e cultura, desenvolveu por meio dos alunos Carlos Miguel Lopes dos Santos, Edmar de Azevedo, Lucas Alves da Silva Crochi e Magaiver Rodrigues dos Santos e sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Eduardo dos Santos de Oliveira, uma proposta de intervenção junto à Paróquia Sagrada Família do Cassino, na Diocese de Rio Grande. Este projeto foi realizado junto ao Curso Bíblico já em

andamento na Paróquia, uma atividade de extensão do Projeto Espiritualidade e Fronteiras da própria Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

A intervenção procurou estimular reflexões filosóficas a partir dos relatos da vivência comunitária das pessoas, refletindo os objetivos desta disciplina, como por meio de compreensões cristãs e fenomenológicas. Por meio de encontros, os acadêmicos abordaram diversos conceitos filosóficos a fim de fomentar o diálogo com os participantes e destes com a comunidade acadêmica.

Esta experiência estreitou os laços entre a universidade e a comunidade do Cassino, unindo fé e razão em torno de aspectos antropológicos.

1- SOBRE O CURSO BÍBLICO DE EXTENSÃO

O curso de extensão, vinculado ao Projeto *Espiritualidade e Fronteiras*, surgiu como uma demanda particular da Paróquia Sagrada Família do Cassino, na diocese de Rio Grande. As lideranças da paróquia sentiram a necessidade de um curso de aprofundamento dos conhecimentos bíblicos, a fim de oferecer aos paroquianos embasamento para compreender e testemunhar melhor sua fé.

Num primeiro momento, a paróquia criou uma equipe para pensar, organizar e promover um curso bíblico. No entanto, tal tarefa não é tão simples, devido ao fato de o universo bíblico ser muito complexo, o que dificulta encontrar uma linha própria e, ao mesmo tempo, pessoal qualificado que execute tal projeto.

Com a equipe constituída, seus membros pediram assessoria ao prof. pe. Eduardo para organizar e possivelmente assessorar ao menos uma etapa do curso. Devido à falta de pessoal com formação bíblica e após a paróquia ter solicitado um acompanhamento qualificado para iniciar o curso, foi firmada parceria entre a Diocese do Rio Grande e a UCPel. Com isto, um novo curso de extensão seria criado para acompanhar tal demanda, num profícuo diálogo entre o mundo acadêmico e a formação de lideranças. Tal parceria garante, ainda, a devida certificação ao final do curso.

O curso foi pensado para ter a duração de um ano (de março a novembro). Seus encontros são semanais, presenciais e com duração de, ao menos, uma hora. Aos participantes é proporcionado contato direto com o livro da Palavra de Deus. Um de seus grandes objetivos é tornar seus participantes leitores ativos da Bíblia, isto é, oferecer instrumentais para adquirir a apropriação de métodos e chaves de leitura para prosseguir individual ou comunitariamente na leitura dos textos bíblicos.

Têm participado dos encontros pessoas de diversas idades, embora a maioria tenha a faixa etária média de 60 anos. Dentre eles, encontram-se líderes da paróquia Sagrada Família e público em geral (além de duas pessoas da Paróquia de Nossa Senhora de Penha – vila da Quinta), pessoas interessadas em conhecer e aprofundar seus conhecimentos sobre os textos sagrados.

2- A PROPOSTA DA DISCIPLINA UCEx E DE INTERVENÇÕES A PARTIR DA MESMA

A disciplina de UCEx: *Identidade, Alteridade e Cultura*, por sua vez, tem como objetivo unir os conhecimentos teórico-científicos com a prática, juntamente com grupos sociais em geral. A referida disciplina consiste em uma cadeira de extensão da UCPel, que pode ter a sua atuação em diferentes setores e grupos que promovam algum tipo de atividade social, onde dessa vez desenvolveu o seu trabalho vinculado ao projeto *Espiritualidade e Fronteiras*. Foram abordados temas relativos à discipli-

na, a partir de um ponto de vista filosófico, juntamente com a comunidade escolhida pelo grupo de extensionistas e pelo professor orientador.

Diante da relevância das três pautas da disciplina, esta turma do curso de Filosofia da UCPel deslocou-se até o Cassino, na paróquia Sagrada Família, na Diocese do Rio Grande, a fim de interagir com os participantes do curso bíblico. Foram refletidos os temas citados acima, fazendo uma crítica do ponto de vista filosófico. Crítica esta alinhada com a vivência da própria comunidade no seu dia a dia.

O grupo de extensionistas fez a proposta de pelo menos quatro encontros, para que, em cada um deles, fossem exploradas as pautas da disciplina. Juntamente com esse grupo da paróquia, foram levantadas questões, que serviram como ponto de partida para conhecer aquela realidade. Nos outros encontros, os extensionistas trabalharam o ponto de vista científico e filosófico da pauta, e logo após abriram para que o público pudesse também expor seus pensamentos, opiniões e inquietações acerca dos temas trabalhados.

3- UM RELATO DAS TRÊS INTERVENÇÕES REALIZADAS

Em relação à pauta da **identidade**, os alunos Carlos Miguel Lopes dos Santos e Lucas Alves da Silva Crochi iniciaram com uma conceituação filosófica sobre a identidade, usando importantes pensadores da história da filosofia, como Aristóteles e Lévinas. Aristóteles traz o conceito de *eudaimonia* como a forma genuína

de felicidade, que é o pleno desenvolvimento das virtudes do ser humano: isso guarda relação com as virtudes, que caracterizam a identidade cristã. Junto a isso, também se trabalhou a responsabilidade com o outro a partir de Lévinas. Para esta teoria, o outro é sempre infinito e é por meio dessa vivência junto à comunidade que conhecemos os outros e, ao mesmo tempo, conhecemos a nós mesmos.

Nessa noite, também foi trabalhada a teoria das virtudes em Santo Tomás de Aquino, trazendo o debate para uma perspectiva cristã. Logo após, propuseram-se alguns dilemas éticos para que o grupo também pudesse manifestar o seu ponto de vista sobre cada situação e opinar sobre como alguém com identidade cristã católica bem formada agiria segundo a sua crença e os valores que cultiva enquanto ser humano. Foram aproximadamente 40 minutos de uma fecunda partilha entre os alunos e os paroquianos.

Na segunda intervenção, o aluno Magaiver Rodrigues dos Santos desenvolveu a pauta sobre **Alteridade**, trabalhando a temática sobre a *“Empatia como ponte para a convivência: vivenciando a alteridade segundo Edith Stein”*.

Em um primeiro momento foi feito um convite à escuta, à reflexão e, principalmente, à vivência da empatia em sua forma mais profunda, com uma pergunta simples, mas carregada de significado: “Afim, o que é empatia?” Lembrando aos participantes que essa questão, tão presente

em discursos, campanhas e postagens nas redes sociais, nos provoca a olhar para além do senso comum e mergulhar em uma compreensão mais filosófica, humana e respeitosa do tema. Neste momento foi apresentada a figura de Edith Stein, uma mulher inspiradora, que marcou o pensamento do século XX com sua coragem, sensibilidade e inteligência. Partindo de sua trajetória de vida, foi ressaltado que Stein não apenas escreveu sobre empatia; ela viveu intensamente as dores da guerra, do preconceito e da perseguição. Suas reflexões nasceram desse contato com a realidade dura da vida humana.

Durante o encontro, foram apresentadas algumas das ideias centrais de sua filosofia. Neste sentido, para Edith empatia não é sentir a mesma coisa que o outro sente, mas sim, reconhecer e respeitar a experiência alheia como real e distinta da nossa. Essa exposição mexeu com o grupo percebido em um silêncio atento. Um exemplo, ilustrou a aplicação desta teoria: alguém no ônibus está chorando em silêncio; você não sabe o motivo, mas sente que aquela dor é verdadeira. Esse momento de percepção é o início da empatia.

Em um segundo momento foi desenvolvida a proposta pedagógica de Edith Stein, explicando os três níveis da empatia identificados por ela. Em forma dialogada, os participantes foram convidados a pensar em situações reais de suas vidas a partir destes níveis. Primeiro nível: o da percepção dos sinais externos (um olhar triste, uma fala abafada); segundo nível: quando

intuímos que há um sentimento por trás (preocupação, angústia, medo); terceiro nível: o mais profundo, onde reconhecemos a experiência do outro como única. Por ser única, não podemos compará-la à nossa.

Outro momento marcante do encontro foi a proposta da dinâmica do “olhar o irmão”. Os participantes foram convidados a se olharem, em silêncio, por alguns segundos, com atenção e respeito. Houve quem desviou o olhar, quem sorriu com timidez. Mas o que ficou evidente é o quanto nos falta, no cotidiano, esse exercício de presença verdadeira com o outro. Em seguida, foram distribuídas imagens de um homem com semblante bravo, autoritário, e até triste. Alguns puderam expressar o que viam, sendo interpelados pelas seguintes perguntas: Que imagem passa essa pessoa? Como está o semblante? Qual a personalidade dessa pessoa? Vários comentários surgiram espontaneamente. Então, foi-lhes contado a história do João,

Um homem que era visto como bravo e autoritário pela comunidade, pois, tinha rosto fechado, passos firmes, olhos que evitavam os dos outros e sempre mandando nas pessoas. Diziam que ele era ranzinza, mal-humorado, frio e individualista. Mas o que ninguém sabia era que ele havia perdido a esposa, e desde então, trazia a responsabilidade de cuidar sozinho de sua filha, mas como cuidar se

também não tinha emprego e passava noites em claro tentando encontrar um jeito de pagar o aluguel, portanto, a saudade, a falta de dinheiro, o medo constante de falhar, tudo havia virado um peso. O que os outros chamavam de braveza era só a armadura que ele usava para não desabar. João não era duro. Era sobrevivente. João não estava em uma boa fase de sua vida, somente se tornou assim pelos fatos que aconteceram. No fundo João é sorridente, gosta de fazer piadas, é alegre e tem espírito comunitário.

Após a história, os participantes foram convidados a olhar novamente para a imagem, e agora sabendo da história de vida de João. Se conseguiram ver além do semblante a mesma percepção que antes? Se agora que tinham conhecimento da história do outro compreendiam o porquê às vezes ele é autoritário e individualista? E novamente os participantes foram convidados a olharem se olharem, novamente se percebeu que muitos participantes se sentiram vistos de um jeito novo, não julgados, mas acolhidos, pois muitos fazem parte da mesma comunidade, sabem da história de vida do outro.

No terceiro momento os participantes foram conduzidos a uma conversa rápida sobre como esse conceito de empatia pode transformar nossas relações familiares, comunitárias, escola-

res e espirituais. Refletimos que uma comunidade que pratica a escuta, como propõe a empatia fenomenológica, se torna mais humana, mais aberta ao diálogo, mais respeitosa com as diferenças. Com toda essa exposição, foi possível ligar ainda à experiência da sinodalidade na Igreja e ao modo como decisões políticas também poderiam ser mais éticas se houvesse essa escuta verdadeira dos mais vulneráveis.

O encontro foi concluído com uma frase marcante de Edith Stein: “A empatia nos salva do isolamento e da indiferença”. Essa frase ecoou em todos, pois deixa um convite: o de exercitarmos, no dia a dia, uma empatia que não invade, não compara, não reduz o outro a nós mesmos, reconhecendo que o outro existe e importa.

Terminamos com uma oração simples, pedindo a Deus que nos ajude a ver com mais profundidade, a escutar com mais paciência e a amar com mais verdade. Antes de sair algumas pessoas procuraram Magaiver para dizer que estavam saindo tocadas, não apenas por um conteúdo teórico, mas por um chamado à transformação interior. Permanece a certeza de que ser empático é mais do que um sentimento bonito, é um compromisso com a dignidade humana.

Sobre a pauta relacionada à **cultura**, o acadêmico Edimar de Azevedo e os demais colegas da disciplina expuseram o assunto. No início, foi feita uma recordação dos assuntos de identidade e alteridade. Sobre a cultura foram tra-

balhados três conceitos filosóficos.

O primeiro levou em conta a cultura como: “tudo o que o ser humano faz, pensa, imagina, inventa” (Aranha e Martins). Nesse primeiro conceito, pensou-se cultura como algo mais amplo, mas generalizado. A conversa gerou um debate sobre cultura gaúcha.

O segundo conceito explanado foi: “a cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Edward Tylor). Sob esse conceito foi pensando em algo mais próximo à realidade e específico: a cultura local da cidade de Rio Grande e de um grupo católico. O debate gerou a reflexão sobre a identidade cultural da cidade e como a mesma foi construída.

O terceiro conceito levou em conta a seguinte definição de cultura: “A cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual, os indivíduos dão sentido à suas ações. Ela ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados” (Clifford Geertz). Aqui foi explanado como a cultura é construção pessoal e posteriormente comunitária. Cada participante recordou de algo cultural de sua família, de seu ciclo de convivência.

Após a reflexão sobre os três conceitos que nortearam a intervenção, procurou-se responder à seguinte pergunta: Como lidar com tanta diversidade cultural em um grupo de trabalho,

estudo e oração? As respostas apresentadas para esse problema foram: o respeito, a escuta, a compreensão da diversidade e a empatia.

Esta terceira intervenção, aquela sobre cultura, foi realizada em um período de 45 minutos. Houve uma boa participação do grupo de estudos, através de exemplos e de relatos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução destas intervenções deixou clara a importância de aproximar a universidade das realidades como aquelas vivenciadas pela comunidade da Praia do Cassino. Ouvir as experiências e questionamentos dos participantes, bem como apresentar compreensões filosóficas para as questões debatidas favoreceram tal aproximação. Com as intervenções realizadas, foram aprofundadas discussões sobre a identidade cristã, a empatia como forma de convivência respeitosa com o diferente, e, por fim, a riqueza das expressões culturais presentes na vida cotidiana.

Os integrantes do grupo de estudo bíblico, demonstraram boa participação, receptividade e engajamento perante as reflexões provocadas pelos alunos. Assim sendo, a experiência contribuiu para a formação dos estudantes do curso de filosofia ao aproximarem-se de uma realidade social diversa daquela experimentada dentro da universidade.

Também resulta interessante anotar que, por envolver estudantes do curso de filosofia em diálogo com participantes de um curso de extensão em teologia foi

favorecido um profícuo diálogo entre razão e fé. E somente através destas duas asas que o ser

humano poderá voar em direção à verdade, que é o próprio Deus (cf. João Paulo II, **Fides et ratio**, 1).

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia A.; MARTINS, Maria Helena P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4.ed. São Paulo: Moderna, 2019.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Edipro, 2007.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. Documento 105. São Paulo: Paulinas, 2016.

FREGA, José Roberto. ARTE E CULTURA: parceiros são fundamentais?. **Revista Expressão**, v. 7, n. 1, 2018.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica: Fides et ratio**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 16 jul. 2025.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**: Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORGADO, Ana Cristina. **As múltiplas concepções da cultura**: Múltiplos olhares em Ciência da Informação. v. 4, n. 1, 2014.

OUSA, M. C. de. **A relação fundamental entre indivíduo e sociedade em Edith Stein**. Kairós, Fortaleza, v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/180>. Acesso em: 10 mai. 2025.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica: Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

STEIN, Edith. **Sobre el problema de la empatía**. Tradução ao espanhol. Conectorium, [s.d.]. Disponível em: <https://www.conectorium.com/content/files/2022/07/Edith-Stein---Sobre-el-Problema-de-la-Empati-a.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2025.

REVISTA

EXTENTIO
UCPEL
CATÓLICA DE PELOTAS

(Foto: Eduardo dos Santos de Oliveira – momento da intervenção)



(Foto: Eduardo dos Santos de Oliveira – momento da intervenção)



(Foto: acervo pessoal dos alunos - conclusão da intervenção – da esq. p/dir. Carlos Miguel, Edimar, Magaiver, Prof. Eduardo e Lucas)